

O ENSINO DA LIBRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL, MINHAS VIVÊNCIAS DIÁRIAS

Irakitan Bernardino dos Santosⁱ

Rosângela Ferreira de Meloⁱⁱ

Maria José Lima de Carvalhoⁱⁱⁱ

RESUMO: O presente trabalho é proveniente de minhas vivências diárias e aborda como tema “O ensino de Libras na Educação Infantil”, que é garantida pela legalização brasileira, conforme o art. 18 da Lei nº10. 098, de 19 de dezembro de 2000, a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2002. Sabendo que a Lei já tem doze anos e observando as dificuldades encontradas que ainda não foram resolvidas mas na certeza que temos ainda um caminho longo e duro a prosseguir. Destacamos que, mesmo com tantas dificuldades, temos encontrado resultados positivos, como autor e co-autor deste trabalho na literatura pesquisada e na observação da história da educação do surdo em nossa cidade, além da experiência como professor de Libras (surdo), relato as vivências observadas no CREI – Professora Antonieta Aranha de Macedo. Destacando a importância do ensino de Libras na educação infantil, da convivência no ambiente escolar de alunos surdos com alunos ouvintes e destes com professor de Libras surdo, na busca de progressão linguística com interação, de um processo de ensino e aprendizagem de qualidade, que favoreça o desenvolvimento do aluno com a língua de sinais. Assim, torna-se mais fácil o trabalho do ensino de Libras, quando começa a desenvolver-se com crianças surdas e ouvintes na educação infantil. A criança surda aprende a sua língua materna, como primeira língua – LI, e a criança ouvinte aprender uma segunda língua - L2, ambas contribuem para desenvolver os conhecimentos culturais, a construção das identidades e os aspectos sociais da pessoa surda. A escolha do tema surgiu quando comecei a trabalhar na educação infantil e observar o desenvolvimento dos alunos surdos e ouvintes a interação entre eles.

Palavras-chave: Educação. Infantil. Libras. Ensino.

SIGN LANGUAGE TEACHING IN KINDERGARTEN, MY DAILY EXPERIENCE

ABSTRACT: This work comes from my daily experiences and deals with the theme "Libras teaching in kindergarten," which is guaranteed by the Brazilian legalization, pursuant to art. 18 of Law # 10. 098, of December 19, 2000, Law No. 10.436, of 24 April 2002, and Decree 5626 of 22 December 2002. Knowing that the law already has twelve years and noting the difficulties that are still unresolved but in the certainty that we have a long and hard path to pursue. We emphasize that even with so many difficulties, we have found positive results, as author and co-author of this work in the literature and observation of deaf education history in our city, as well as experience as a teacher of Libras (Brazilian Sign Language), report the experiences observed in CREI – Professora Antonieta Aranha de Macedo. Highlighting the importance of Libras education in early childhood education, living together in the school environment of deaf students with listeners and those with deaf, Libras teacher in search of linguistic progression with interaction, a process of teaching and quality learning that favors the development of students with sign language. Thus, it becomes easier to work Libras teaching when it begins to develop with deaf children and hearing in early childhood education. The deaf children learn their mother tongue as a first language – LI, and the hearing child to learn a second language – L2, both help develop cultural knowledge, the construction of identities and social aspects of the deaf person. The choice of subject came up when I started working in early childhood education and monitor the development of deaf students and hearing the interaction between them.

Keywords: Education. Elementary. Libras (Brazilian Sign Language). Teaching.

ⁱ Professora (UFPB Virtual). Especialista em LIBRAS (Faculdade Montenegro).

ⁱⁱ Professor tutor (UFPB Virtual). Especialista em LIBRAS (Faculdade Montenegro).

ⁱⁱⁱ Mestre em Linguística (UFPB). Licenciatura Plena em Letras Língua Portuguesa (UFPB).

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo relatar as experiências vivenciadas com o ensino de Libras no ensino infantil, como também desenvolver uma pesquisa com o tema proposto no CREI – Professora Antonieta Aranha de Macedo. Será feita uma comparação da prática com os princípios teóricos e as experiências vivenciadas, sempre buscando novos desafios e descobertas para o ensino da Libras como L1 e o ensino em paralelo da Libras como L2 para aquisição da língua de sinais por crianças surdas e ouvintes. Em cumprimento à exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9394/96) e de adequação ao currículo e a metodologia para o ensino da disciplina de Libras, conforme a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, e no art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000, decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais/Libras, enfim avaliando o ensino de Libras dentro do CREI e sua evolução no espaço infantil como um todo.

Em síntese, nosso trabalho tem como objetivo analisar o ensino de Libras no CREI – Professora Antonieta Aranha de Macedo, observando quais são as atividades que estão sendo desenvolvidas e propostas para o desenvolvimento da língua de sinais. O trabalho traz as seguintes características textuais: introdução, campo de pesquisa, um pouco da história dos surdos na educação infantil, o professor surdo na educação infantil, atuação e atividades realizadas, o ensino de Libras no CREI, os aspectos observados durante o ensino de Libras como L1 para as crianças surdas objetivando a aquisição linguística, o ensino de Libras como L2 para as crianças ouvintes objetivando a aquisição de uma segunda língua, as considerações finais, referências e por fim os anexos.

1 CAMPO DE PESQUISA

O CREI – Professora Antonieta Aranha de Macedo está localizada na rua Irmão Antônio Reginaldo S/N, no Bairro do Bessa em João Pessoa – PB, fundada aos 28 dias de Fevereiro do ano de 2008, abrangendo uma área de 489 metros quadrados, próximo ao Colégio Pio XI. O prédio é bem conservado e apropriado para um CREI, têm quatro salas de aula amplas e organizadas, um refeitório com espaço adequado, uma área para recreio coberto, uma sala de administração, uma rouparia, dois banheiros, uma cozinha bem estruturada e equipada, uma área de serviço e uma sala de especialistas. A unidade funciona

das 7h às 17h, de segunda à sexta-feira, oferecendo atividades pedagógicas e recreativas, cinco refeições diárias e cuidados de higiene. O CREI atende crianças no pré-escolar, crianças (02 anos), crianças (03 anos), crianças (04 anos) e crianças (05anos). O CREI tem uma equipe funcional de profissionais, composta de: diretora, diretora adjunta, secretaria, professores, fonoaudióloga, monitores, cuidadores, cozinheiras, pessoal de apoio e vigilante.

2 O INÍCIO DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS NO BRASIL

A História da educação dos surdos vem de longos anos, desde o início da humanidade. E no Brasil tem seu início no ano de 1855, com a chegada do surdo francês Eduard Huet, a convite de D. Pedro II, o qual, no ano de 1857, funda no Rio de Janeiro o Instituto Nacional de Surdos-Mudos, hoje o atual INES5. Desta data em diante, muitas têm sido as lutas da comunidade surda que já passou por várias abordagens, das quais foram: oralismo, comunicação total e, por fim, o bilinguismo, no qual estamos vivenciando o momento do apogeu da Libras, com a aceitação da língua de sinais como meio de comunicação. Neste aspecto, o Brasil se iguala a tantos outros países como diz Fernandes 2003.

Uma língua nem sempre corresponde ao conceito estrito da nação, como estado constituído politicamente. Em um mesmo país pode vigorar mais de uma língua nacional, como é o caso da Suíça e da Bélgica. Em verdade, em todos os países onde existe uma comunidade de surdos que se comuniquem por meio da língua de sinais há, por direito, ainda que nem sempre reconhecidas oficialmente, duas línguas em contato: a oral-auditiva e a espaço-visual. (FERNANDES, 2003, p.39).

Ciente de seus direitos e valores linguísticos, os surdos brasileiros lutaram e conseguiram a oficialização da sua língua, e finalmente, o Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, sancionou em 24 de abril de 2002, a Lei que reconheceu a Língua Brasileira de Sinais/Libras como a língua oficial da comunidade surda brasileira. Para fortalecer ainda mais a Libras, após esta data, a história dos surdos passa a percorrer outros rumos. Assim sendo, com muita luta, em 2006, foi iniciado o primeiro curso universitário de Letras/Libras na modalidade Licenciatura e Bacharelado (formação de professores e intérpretes de Libras) pela UFSC em Florianópolis – SC, que abre polos em mais nove estados brasileiros.

Seguindo os passos da UFSC, em 2010, foi iniciado o primeiro curso de Letras/ Libras na UFPB, na Paraíba, na modalidade de Licenciatura. No momento, a universidade já formou três turmas, o que tem valorizado ainda mais a Libras e expandido o seu uso entre as comunidades.

Estas duas universidades têm crescido e reconhecido o valor da língua de sinais brasileira/Libras, no Brasil a fora podemos encontrar alunos graduados em Licenciatura em Letras/Libras ou ainda Bacharel em Libras. Universidades que entenderam o valor linguístico da Libras e que se empenharam em torna-la reconhecida pelo Brasil.

3 O PROFESSOR SURDO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ATUAÇÕES NO ENSINO INFANTIL

O início do ensino de Libras nas escolas representa um avanço histórico para as pessoas surdas e mais ainda quando a Libras passa a ser inserida na educação infantil dentro dos CREI.

Como professor de Libras surdo, graduado com Licenciatura em Letras/Libras pela Universidade Federal da Paraíba, na modalidade EAD – Ensino a distância pela UFPB/Virtual, com parceria com a UAB - Universidade Aberta do Brasil, é gratificante ver a evolução da língua de sinais, da isenção da Libras dentro dos CREI. Desse modo, temos tido o privilégio de ver as crianças surdas aprendendo e desenvolvendo-se com sua língua materna e, mais ainda, as crianças ouvintes também aprendendo Libras. É prazeroso ver a aceitação e valorização da Libras nos espaços escolares e CREI. Temos trabalhado com o objetivo de alfabetizar as crianças surdas, primeiro com a Libras e em paralelo com o Português. Assim, acreditamos minimizar os problemas quanto ao ingresso destes alunos nas escolas regulares, sabendo que os mesmos já possuem uma língua internalizada. O Professor de Libras surdo com fluência na língua sinais é um modelo linguístico para as crianças surdas na faixa etária de aquisição de língua, por isso é importante estamos juntos desses alunos e desta forma podemos fortalecer a aquisição da sua língua materna, isso porque concordamos que se aprende na interação como diz Kelman: Os símbolos que impregnam a cultura só vão se revestir de significação para as crianças surdas se houver interações sócias e comunicativas significativas que possam decodificar esses símbolos (KELMAN, 2012, p.55).

Sendo assim, acreditamos que o processo de inserção da Libras está percorrendo caminhos que por ventura tem sido apontado por muitos autores que defendem a ligação entre

cultura e desenvolvimento. O importante é investir neste modelo de educação, fortalecendo os CREI com profissionais fluentes em Libras, garantindo assim que a criança surda possa desenvolver sua identidade dentro de espaços escolares apropriados, desde a educação infantil, através de vivências na sua língua materna, o que lhe dará sustentação com base para aquisição de uma segunda língua L2.

Para Skliar, (2005, p. 27), “Usufruir da língua de sinais é um direito do Surdo e não uma concessão de alguns professores e escolas”, então, mas um motivo de se oferecer uma boa base educacional deste a educação infantil com estruturação adequada para o aluno surdo, considerando suas diferenças linguísticas que são gestual-visual, e aceitando o empoderamento da língua de sinais, pois, só assim teremos condições de oferecer padrões educacionais eficientes. As situações de comunicação com pessoas que falam a mesma língua facilitam na aquisição e fluência da língua. Por isso, é importante que os pares estejam juntos, que a comunicação da criança surda tenha desde a educação infantil um adulto surdo junto, para que assim a criança possa ter um modelo linguístico.

4 ATIVIDADES REALIZADAS

As atividades realizadas no ensino infantil são muito úteis e criativas. Durante os ensinamentos propostos, temos o diálogo em Libras diariamente e a convivência, assim os alunos aprendem naturalmente além de conhecer a cultura surda e a comunicação em Libras.

As atividades propostas são pautadas na política da educação inclusiva, que garante uma escola de qualidade para todos, com base nas seguintes hipóteses:

1. Que a Libras é a língua natural do surdo;
2. Que as atividades sejam desenvolvidas a partir de adaptações, em termo de material pedagógico e profissional, com competência para desenvolver práticas pedagógicas que atendam às necessidades linguísticas dos alunos surdos;
3. A partir de formação continuada oferecida pelo setor de educação especial da rede municipal de ensino

5 O ENSINO DE LIBRAS NO CREI – PROFESSORA ANTONIETA ARANHA DE MACEDO

O ensino de Libras no CREI - Professora Antonieta Aranha de Macedo teve seu início no ano de 2013, quando se verificou a presença de um aluno surdo, fato que marcou o início da história da inclusão de alunos surdos no CREI, também da presença do professor de Libras surdos em CREI. Hoje podemos dizer que o trabalho começa a fluir, a florescer resultados, quando exatamente nos deparamos com os alunos dos CREI em escolas, quando da mudança de alunos surdos para a escola com uma base de sua língua materna que foi adquirida ainda no espaço de educação infantil e que aos poucos desenvolve-se juntamente com sua segunda língua, o português como L2. Como também da aquisição da Libras como segunda língua L2 para os alunos ouvintes que favorece ainda mais o desenvolvimento da Libras em espaço escolar, frequentado por crianças no período de aquisição de língua.

Entendendo a peculiaridade do aluno, a diferença linguística, assim surgiu no âmbito da educação o fazer diferente para atender a necessidade individual de um grupo que, mesmo minoritário, tem seu direito linguístico a ser respeitado. Stokoe, linguista americano, cientificamente afirma que a língua de sinais é uma língua que tem regras e gramática própria (BRITO 1995; SACKS 1990). Assim sendo, como qualquer outra língua, a aquisição da língua de sinais tem um período de aquisição que vai de (zero a três anos).

Para estudiosos como Perlin e Quadros (1997), o processo educacional para alunos surdos só é possível de acontecer em espaços que ofereçam pelos menos alguns requisitos específicos:

Nós acreditamos que a educação de surdos, na verdade, deve acontecer em uma escola regular de ensino que apresenta uma peculiaridade: a língua utilizada para difundir conhecimento é a língua de sinais, no Brasil, a Língua Brasileira de Sinais/Libras. Além disso, essa escola estará atendendo a uma comunidade que possui história e cultura que sua própria forma de expressão (PERLIN; QUADROS, 1997, p.36).

Com base nessas considerações, entendemos que a inclusão do aluno dá-se a partir de um conjunto de ações que favoreça o bem estar de convivência entre os surdos a ponto de fortalecer sua cultura, identidade e conhecimento de mundo. Espaço este que entendemos que pode ser concretizado dentro da Sala de Recursos com o AEE - Atendimento Educacional Especializado, com profissionais fluentes em Libras, onde pendure o uso da língua de sinais.

Desta maneira, o surdo fortalecido no espaço de Sala de Recursos terá uma inclusão articulada com os demais espaços da escola.

6 PRINCIPAIS ASPECTOS OBSERVADOS DURANTE AS AULAS

6.1 O ENSINO DE LIBRAS NO L1

Nesse processo, consideramos e ressaltamos que muitos alunos surdos chegam à escola sem o domínio da Libras e ainda mais o aluno do CREI que chega sem nenhuma língua em fase de aquisição e, portanto, sem um repertório linguístico para aprender uma segunda língua L2. Dessa forma, temos que intensificar o ensino de Libras, aproveitando as fases de aquisição de língua da criança que está no CREI. É preciso pensar no ensino de Libras precoce, seja para surdos ou para ouvintes, construindo uma cultura linguística bilíngue desde o pré-escolar. Faz-se necessário uma política que possa intervir no sentido de construir ambientes bilíngues, que contemple a Libras como disciplina curricular desde a Educação Infantil. Albano diz:

Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente de comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nesta corrente é que sua consciência começa a operar. (...) Os sujeitos não “adquirem” a língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência (ALBANO, 1990. p. 108).

Por esta razão, conforme afirmação acima é importante que a criança tenha a oportunidade, o mais cedo possível, de estar em um ambiente onde se fale sua língua e que, preferencialmente, esteja com pessoas adultas surdas que irão alfabetizá-las em sua língua materna.

6.2 O ENSINO DE LIBRAS NO L2

Na aquisição da segunda língua (L2) uma pessoa tem acesso a outra língua além da sua língua materna, que configurará a sua segunda língua. Ela está adquirindo competência em mais de uma língua que não seja a sua primeira língua. Essa distinção se dá porque a língua adquirida de forma natural depende da interação espontânea da criança com adultos.

Por outro lado, o ensino de uma língua vai acontecer, observando metodologias de ensino, em um ambiente linguístico diferenciado, ou seja, o ambiente de sala de aula ou ambiente voltado para o ensino de línguas. Normalmente, neste contexto, o aluno está interagindo com outros colegas que também estão aprendendo a nova língua, ou seja, falantes não nativos da língua alvo e contam com um professor que usa a língua alvo e aplica estratégias de ensino para que os alunos aprendam a nova língua.

Com a inclusão de Libras nos currículos dos cursos de Pedagogia, Licenciaturas e Fonoaudiologia, o ensino de Libras passa a ser pensado dentro do contexto do ensino de línguas que precisa ser ensinada com metodologia de segunda língua L2. A Libras é uma Língua organizada gestual-espacial, portanto, de modalidade diferente da língua oral auditiva.

No contexto de ensino de L2, o ensino de Libras ocupa os espaços como segunda língua (L2) e necessita de adequação didática, metodológica para que o processo de ensino e aprendizagem aconteça de maneira satisfatória para todos. A maioria dos alunos de Libras são pessoas que não tiveram contato com uma língua de sinais antes de iniciar as aulas de Libras. Esse contexto justifica a necessidade de pensar em formas de ensino que desenvolvam a aprendizagem de uma segunda Língua que é visual – gestual-espacial. Vimos que há vários estudos sobre segunda língua, mas não temos muitas produções sobre o assunto. O que observamos é o que se tem de comum nas línguas. Como será o “sotaque” dos alunos de L2 em Libras? Para os surdos, as pessoas ouvintes têm um jeito diferente de sinalizar, os quais chamam de “jeito ouvinte de sinalizar”. Talvez isso seja uma indicação de alunos que estejam adquirindo uma Língua L2. Chen-Pichler (2009) apresenta alguns fatores comuns, relacionados a quando as pessoas estão aprendendo uma língua como L2, tais como:

- O não uso dos marcadores não-manuais e de articulação bucal associada a produção em sinais;
- As escolhas lexicais não apropriadas;
- Falta de fluência na prosódia;
- Falta de esmero no uso de movimentos, configurações de mão e locação.

Os autores perceberam que os adultos quando estão aprendendo Libras comentem o mesmo tipo de erros observados em crianças que também estão adquirindo a língua de sinais. Por exemplo, quando produzem um sinal em que a articulação envolvida está nos dedos, eles o produzem com a articulação no pulso (a articulação mais anterior na direção da última

articulação que é a que envolve o ombro). Um exemplo da Libras para ilustrar seria o sinal NAMORAR sendo produzido com a dobra do punho, ao invés do dedo médio. Isso acontece em bebês surdos adquirindo uma língua de sinais por razões de imaturidade motora. No entanto, no caso do adulto isso se dá, pois eles ainda não desenvolveram este tipo de atividade motora linguística. Esses articuladores envolvem um conjunto novo de articuladores usados para a comunicação por meio de um sistema linguístico motor.

O ensino de L2, portanto, deve incluir estratégias de conscientização dos articuladores que fazem parte da produção dos alunos. A “proximalização dá a ideia de que os sinais estão sendo produzido de forma “agressiva” ou gritado”. Assim, ensinar os alunos sobre isso vai ajudá-los a perceber esses elementos que fazem parte das línguas de sinais e que acabam marcando o “sotaque” do aluno de L2. Outro estudo busca explicar as razões que levam os alunos de L2 a produzirem erros em sinais. Rosen (2004) observou que os erros produzidos pelos adultos, aprendendo uma língua na segunda modalidade, acontecem por causa de problemas com a percepção. Além disso, parece haver uma falta de destreza na produção dos sinais que implicariam, por exemplo, em escolhas de configurações erradas ou ainda na formação incompleta dos sinais. Chen-Pichler (2009) observou que parece haver fatores de transferência e graus de marcação dos sinais, que afetam as produções dos alunos de L2 quando estão adquirindo uma segunda língua. Os alunos trocam configurações de mão mais marcadas por configuração menos marcadas já conhecidas por eles. Por exemplo, eles conhecem a configuração de mão de A para o gesto que expressa vitória e usam-na para sinalizar sinais com configurações de mão similares e marcadas, como no sinal de SAPATO da ASL¹ que utiliza a configuração de mão S. Esse padrão de substituição de configurações de mãos foi observado em vários sinais produzidos pelos adultos que estão aprendendo a ASL. A transferência de conhecimento prévio dos alunos de L2 é observada como um dos fatores que determinam o “sotaque” de ouvinte, observado pelos surdos em seus comentários, ao se referirem aos ouvintes que estão aprendendo uma língua de sinais. Eles reconhecem nos sinais, as configurações de mãos já usadas em sua produção gestual e usam este conhecimento para produzir os sinais que estão aprendendo. As configurações de mão mais marcadas já não caem neste tipo de associação e reconhecimento, uma vez que não são comuns em produções gestuais e envolvem configurações de mão mais complexas, além de movimentos e locação. Os erros produzidos com sinais com estas configurações mais complexas parecem, portanto, estarem associados à destreza motora e controle motor. Os erros associados ao movimento e à

¹ Língua de sinais americana.

orientação da mão parecem estar relacionados com a percepção. Portanto, parece haver vários fatores que determinam a produção de sinais em alunos de L2, entre eles, as pesquisas identificaram os seguintes:

- Marcação das configurações de mãos (mais marcadas à menos marcadas, ou seja, mais complexa às mais simples);
- Complexidade do sinal alvo;
- Destreza motora;
- Percepção visual dos sinais.

O ensino de segunda língua, portanto, precisa considerar estes fatores e incluir estratégias que favoreçam os alunos de L2 a ponto destes identificarem estes elementos. Atividades e jogos podem ser produzidos com configurações de mãos, exercícios motores finos e mais amplos, não associados aos sinais e depois associados aos sinais; espelhamento de movimentos de colegas e assim por diante. Essas estratégias vão favorecer o desenvolvimento da destreza e da percepção dos elementos que constituem os sinais.

Nas escolas e CREI é comum percebemos que há um grande interesse em se aprender Libras por todos da comunidade escolar, porém por ser uma segunda língua, requer tempo e dedicação, mas é provável que em poucos anos Libras deixe de ser algo novo e passe a ser a segunda língua dentro das escolas e fora delas também.

Ao que se refere ao ensino da Libras como L2, deve-se atentar para o entendimento que deve seguir as prerrogativas do ensino de uma língua estrangeira. Ressalta-se ainda a importância de se observar que quando a Libras está sendo ensinada a ouvintes há uma mudança do modelo comunicativo que é oral-auditivo e passará a ser gesto-visual.

Felipe (2001), em seu trabalho, recomenda que:

- ✓ Desperte em seus alunos a segurança em si mesma, reduzindo ao máximo as correções quando eles estiverem tentando se comunicar;
- ✓ Não faça o aluno repetir suas frases ou memorizar listas de palavras, coloque-o sempre em uma situação comunicativa onde ele precisara usar um sinal ou uma frase. A tarefa do instrutor de língua é habilitar o aluno a ser um bom usuário, isto é, a usar a língua que está aprendendo para poder se comunicar.
- ✓ Estimule sempre a produção, incentivando o uso da Libras em todas as situações mesmo fora da sala de aula;
- ✓ Faça sempre atividades que exercitem a visão;
- ✓ Nunca fale em português junto com a Libras, porque como estas línguas são de modalidades diferentes, uma pode interferir

- negativamente sobre a outra, já que uma necessita uma atenção auditiva e a outra, visual;
- ✓ Faça o aluno perceber que não deve anotar nas aulas porque isso desvia a atenção visual. A revisão das aulas em casa poderá ser feita através do Livro do Estudante e da Fita que acompanha esse livro;
 - ✓ Não faça o aluno repetir suas frases ou memorizar listas de palavras, coloque-o sempre em uma situação comunicativa onde ele precisara usar um sinal ou uma frase. A tarefa do instrutor de língua é habilitar o aluno a ser um bom usuário, isto é, a usar a língua que está aprendendo para poder se comunicar;
 - ✓ Incentive seus alunos a participarem de atividades sócio-culturais, realizadas nas comunidades surdas, para que possam se comunicar em língua de sinais brasileira.

Felipe (2001) ainda destaca que para um aluno alcançar um nível razoável em desempenho comunicativo em Libras, este deve nortear o processo de ensino-aprendizagem seguindo as práticas relacionadas a seguir:

- ✓ Evitar falar durante as aulas;
- ✓ Usar escrita ou expressões corporais para se comunicar;
- ✓ Não ter receio de errar;
- ✓ Despertar atenção e memórias visuais;
- ✓ Fixar o olhar na face do emissor da mensagem;
- ✓ Atentar para tudo o que ocorre durante a aula;
- ✓ Demonstrar envolvimento pelo que está sendo apresentado;
- ✓ Comunicar-se com os colegas de classe em Libras;
- ✓ Envolver-se em comunidade surda.

O ensino de Libras é aplicado de forma que possa despertar o interesse das crianças de forma natural na sala de aula.

Conteúdos são aplicados de maneira que possam despertar o interesse do alunado: Alfabeto; Números; Família; Objetos; Material escolar; Cores; Frutas; Alimentos; Brincadeiras em Libras; Animais; Coisas da natureza; Brinquedos; Materiais de higiene; Meios de transportes; Meios de comunicação; Diálogos simples em Libras; Literatura visual.

Aplicado esses conteúdos através de recursos como: notebook, lápis para quadro branco, PowerPoint, brinquedos, imagens, vídeos infantis em Libras, imagens usadas pelo professor de Libras e com atividades diárias feitas pelo professor como: diálogos em Libras no dia a dia, relacionados aos conteúdos abordados no cotidiano do aluno fica muito mais fácil a aprendizagem da Libras pela criança ouvinte e o desenvolvimento da criança surda será muito mais rápido.

Sabemos que não é fácil e que requer paciência, acreditamos que com recursos visuais e utilizando-se de estratégias adequadas, os alunos aprenderão com mais facilidade e rapidez ao longo do tempo que estiverem no CREI.

A importância desses recursos visuais facilita a construção no desenvolvimento cognitivo e afetivo do aluno ouvinte, tornando viável para uma integração entre os alunos diferentes, concretizando uma inclusão de alunos surdos e ouvintes, favorecendo o conhecimento, o respeito e a aceitação entre todos. É fundamental darmos atenção ao ensino de Libras na educação infantil, pois já existem algumas produções traduzidas em Libras que serve para os alunos compreendam os diversos conhecimentos da L2 que é a Libras.

O ensino de Libras deve ser inserido nas instituições de ensino e cabe o professor utilizar-se de metodologias para o ensino de segunda língua L2 para ensinar Libras aos alunos ouvintes, formando sujeito conhecedor da cultura surda, valorizando assim sua construção de conhecimento (a cultura surda, a língua de sinais/Libras, seu modo de ser, sentir, agir e pensar).

Devemos, portanto, promover uma educação sustentada numa experiência inserida na sociedade, onde resulta na construção multicultural e exerce a cidadania, envolvendo o sujeito ouvinte e surdo na formação como cidadão. Pretendemos contribuir para uma inclusão do aluno ouvinte e surdo na sociedade, onde ele possa ser respeitado e aceito na sua cultura, como também fortalecer sua identidade, assegurando uma educação de qualidade, proporcionando conhecimentos satisfatórios e a interface do convívio das duas culturas, retratando num cenário multicultural.

O ensino da Libras como L2 é ministrada para ouvintes que têm contato com a comunidade surda. O processo de ensino-aprendizagem de L1 e L2 requer metodologias específicas que exigem uma formação reflexiva acerca da prática exercida, visto que contribui, substancialmente, para um melhor desempenho do desenvolvimento da linguagem da criança que tem a Libras como sua forma legal de expressão e comunicação. Desse modo, o professor de Letras/Libras terá como base na sua formação os requisitos necessários para o atendimento à diversidade dos sujeitos inseridos nesse processo.

O ensino de Libras como segunda língua L2 para os alunos ouvintes, que têm a língua portuguesa, requer metodologias de ensino de segunda língua, estratégias de ensino que devem ser aplicadas para a aprendizagem de uma segunda língua, para alunos com uma modalidade diferente, crianças que falam e ouvem o Português, que agora terá contato com uma língua que é produzida pelas mãos e o corpo, língua que é oral-auditiva e visual-espacial-gestual.

Para que o aluno tenha conhecimento de Libras é importante que o professor trabalhe com temas e estratégias, que formule textos, que use histórias infantis adaptadas para Libras, que ensine utilizando-se de conceitos, leitura, escrita, entre outros recursos. É claro que o método seria mais eficaz se existisse um material apropriado, equipamentos especificamente visuais. As crianças ouvintes vão precisar de um ensino adequado para adquirirem uma língua e mais do que isso terem acesso a uma cultura, aprender uma nova língua e tem acesso a comunidade surda brasileira. Percebemos que as dificuldades de leitura e escrita da língua portuguesa são consequências da falta de métodos e procedimentos de ensino adequados, a mesma coisa acontecer com Libras, então é importante que se entenda as palavras e seus significados mais complexo. A criança surda tem inicialmente o aprendizado da Língua Brasileira de Sinais/Libras, diferente da língua utilizada pela comunidade ouvinte onde a mesma está inserida, então a comunicação é toda oralista o que prejudica inicialmente na aquisição de sua língua materna. Portanto, é necessário criar meios para ensinar o português às crianças surdas que esta seja sua segunda língua para um processo formal de aprendizagem. Mas primeiro, é preciso estudar um plano de ensino e qualificar os professores, para que estes sejam capazes de ensinar as crianças surdas ou ouvintes.

Os alunos aderiram muito bem à prática de ter a Libras como segunda língua L2. Para que o aluno alcance um nível razoável em seu desempenho comunicativo precisará ter o desejo e oportunidade de se comunicar em Libras. Um aprendizado de uma segunda língua pode ter um suporte da primeira para se compreender e comparar as gramáticas das duas línguas. Os alunos têm, nesse momento, a oportunidade de conhecer as características culturais e sociais da língua. Com um professor surdo, realizamos na prática, ensinado nossa língua natural Libras para ouvintes, de modo a contemplar situações nas quais os alunos aprendizes tivessem oportunidades de aprender uma segunda língua-L2.

[...] a construção da subjetividade do ser surdo depende, fundamentalmente, da relação que eles estabelecem tanto com seus pares quanto com ouvintes e, nesse sentido a presença de professores surdos na educação ganha relevância para a construção de uma percepção positiva da surdez pelos alunos. (LODI, 2005, p. 419).

O ensino da Libras como L2 para os alunos ouvintes que têm a língua portuguesa como L1, requer metodologias de ensino diversificadas.

As metodologias devem incorporar estratégias de ensino para alunos que ouvem o Português e vão ter contato com uma língua que é produzida pelas mãos e pelo corpo, ou seja, uma modalidade viso-espacial.

As crianças ouvintes aprendem uma nova língua que é usada por uma comunidade surda brasileira, que tem sua própria cultura surda. Neste contexto, é necessário estabelecer objetivos que facilitem na comunicação de surdos/ouvintes.

O professor poderá explorar o olhar para iniciar uma conversa em Libras, usar o espaço como função gramatical, estabelecer a soletração por meio dos próprios sinais. Ampliar o vocabulário em Libras de forma contextualizada, ler diferentes gêneros e produzir textos em Libras.

Diferente dos alunos surdos, os alunos ouvintes incorporam a Libras ao longo das aulas ministradas e no contato diário com seus colegas surdos. Todas as estratégias utilizadas pelo professor, no processo de ensino / aprendizagem, devem ser pedagogicamente visuais, em virtude dos alunos ouvintes terem a oportunidade de vivenciar práticas surdas.

A Libras é a língua oficial da comunidade surda brasileira, é a sua língua materna, ela deve ser ensinada como primeira língua L1 para os surdos e como segunda língua L2 para os ouvintes. Logo deve ser ensinada aos ouvintes com estrutura de ensino de segunda língua, mostrando-os também as especificidades e informações sobre a comunidade surda.

É de fundamental importância que o ensino de Libras a ouvintes aconteça de uma forma contextualizada, sem sinais soltos, facilitando assim a comunicação tão necessária entre surdos e ouvintes. Percebemos a dificuldade que os surdos enfrentam para usufruírem dos seus direitos como saúde, educação, lazer, segurança, devido às barreiras criadas pela dificuldade na comunicação.

É chegada a hora das políticas educacionais para os surdos saírem do papel e introduzirem a Libras nas escolas, em todos os níveis e modalidades de ensino, oferecendo aos alunos ouvintes oportunidades de se tornarem bilíngues também, minimizando ou acabando essa barreira cruel que separa, humilha e exclui os surdos, deixando-os à margem da sociedade, sem poderem gozar seus direitos nem executar seus deveres.

Para que tenha um resultado melhor na aprendizagem dos ouvintes, em sua língua L2, temos que integrar o educando ouvinte à cultura surda. Faz-se necessário que ocorra interação entre ambas as culturas, ou seja, forma de mostrar a realidade do surdo para o ouvinte, enfocando as experiências visuais que a língua oferece.

Quanto ao ensino da Libras com L2 para os alunos ouvintes, que tem a língua portuguesa como L1, requer-se metodologia de ensino de segunda língua, ou seja,

metodologias que vão incorporar estratégias de ensino, que são aplicadas para aqueles que estão aprendendo uma segunda língua e estratégias de ensino para alunos que tem uma língua de modalidade oral, que irá adquirir uma língua de modalidade totalmente diferente.

Diferentes dos alunos surdos, os ouvintes vão incorporando a Libras ao longo das aulas ministradas e, no contexto diário, com os seus colegas surdos, quando for o caso. Assim, o ensino de Libras como L2 deve considerar os diferentes níveis de proficiência dos alunos para incrementar as aulas até chegar à leitura e produção de textos em Libras em níveis mais complexos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desses estudos foram abordadas importantes considerações teóricas e práticas que estão relacionadas ao aprendizado do aluno surdo. Esses conhecimentos se tornaram necessários para dar sustentabilidade às nossas análises e, em particular, à importância da língua de sinais para o surdo nos CREI.

Assim, baseado no levantamento bibliográfico e nos objetivos propostos, foi possível perceber que a língua de sinais é de grande importância para o desenvolvimento cognitivo e para o processo de aprendizagem da criança surda. A questão da educação do surdo está intimamente relacionada ao uso efetivo da língua.

Todas as estratégias de ensino devem ser pedagogicamente visuais, pois os alunos ouvintes assim terão a oportunidade de vivenciar práticas surdas. Isso é um presente que a educação bilíngue dá para essas crianças surdas. Elas ganham esse presente ao aprender o Português em sua modalidade escrita, ganham também no aprender no cotidianamente a sua língua materna.

E, finalmente, que se registre a importância da aquisição da Libras ainda no ensino infantil que a criança surda tenha seus direitos linguísticos garantidos, que os CREI estejam preparados com profissionais capacitados para receberem as crianças surdas e que estas tenham uma educação de qualidade com direitos linguísticos adquiridos.

REFERÊNCIAS

ALBANO, E. C. *Da fala à linguagem: trocando de ouvido*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

ANTUNES, C. Inteligências múltiplas: os estímulos, as práticas da Educação Infantil ao Ensino Médio. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DOS EXPOENTES NA EDUCAÇÃO, Curitiba: PUC, 2000.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: primeiro e segundo ciclo do ensino fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Decreto Federal nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.

CAPOVILLA, F. C. *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira: sinais de A a L*. 3. ed. São Paulo: USP, 2008.

_____. *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira: sinais de M a Z*. 3. ed. São Paulo: USP, 2008.

GOLDFELD, M. *A criança surda*. São Paulo: Plexus, 1997.

KELMAN, C. A. Multiculturalismo e surdez: respeito às crianças minoritárias. In: LODI, A. C. B.; MELO, N. D. B.; FERNANDES, E. (Orgs.). *Letramento, Bilinguismo e Educação de Surdos*. Porto Alegre: Mediação, 2012. p. 49-70.

KULCSAR, R. O estágio supervisionado como atividade integradora. In: FAZENDA, I. C. A. (et al.) *A prática de ensino e o estágio supervisionado*. 15. ed. Campinas, SP: Papirus, 1991. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

LA TORRE, S.; BARRIOS, O. *Curso de formação para educadores*. São Paulo: Madras, 2002.

LIBÂNEO, J. C. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1991.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

PETERS, C. *Deaf American Literature From Carnival to the Canon*. Washington, D.C. Gallaudet University Press. 2000.

QUADROS, R. M. Avaliação da Língua de Sinais em crianças surdas na escola. *Letras de Hoje*, v. 39, n. 3, 2004.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SACKS, O. *Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHNEUWLY, B. (et al.). *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

SKLIAR, C. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

SUTTON-SPENCE, R. Imagens da Identidade e Cultura Surdas na Poesia em Língua de Sinais. In: QUADROS, R. M. *Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais*. Petrópolis: Arara Azul, 2008.

STRÖBEL, K. L. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.

_____. História dos Surdos: Representações “Mascaradas das Identidades Surdas”. In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. P. *Estudos Surdos II* (Orgs.). Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.